



## **VIDA EDITADA: DESVENDANDO FALSAS APARÊNCIAS NAS REDES SOCIAIS<sup>1</sup>**

**Ieda Zimmermann<sup>2</sup>, Camila Nadal Bianchessi<sup>3</sup>, Isabelli Buratti Viecili<sup>4</sup>,  
Luis Eduardo Schmidt Pittol<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Trata-se de uma pesquisa realizada por estudantes do Curso Técnico em Informática da Escola Estadual 25 de Julho. A pesquisa buscou identificar em que medida as informações disponibilizadas nas redes sociais são mesmo um retrato da realidade vivida ou uma projeção idealizada, por vezes, muito distante da realidade cotidiana dos mesmos.

<sup>2</sup> Professora no Curso Técnico em Informática na Escola Estadual 25 de Julho, Ijuí RS

<sup>3</sup> Estudante do Curso Técnico em Informática na Escola Estadual 25 de Julho, Ijuí RS

<sup>4</sup> Estudante do Curso Técnico em Informática na Escola Estadual 25 de Julho, Ijuí RS <sup>5</sup> Estudante do Curso Técnico em Informática na Escola Estadual 25 de Julho, Ijuí RS

### **INTRODUÇÃO**

As redes sociais vieram para ficar e fazem parte do nosso cotidiano. Ocupa, portanto, lugar comum afirmar que não é mais possível, pelo menos para as novas gerações, pensar a vida sem elas. Uma rede social refere-se a um conjunto de pessoas (organizações ou entidades) conectadas por relacionamentos sociais, motivadas pela amizade, relação de trabalho e/ou troca de informação – uma representação formal de atores e suas relações. O fenômeno da conectividade é que constitui a dinâmica das redes e existe apenas na medida em que as conexões forem estabelecidas (MARTELETO, 2001). Elas, as redes sociais, parecem ser demasiado importantes para qualquer movimento: seja para estabelecer amizades, conectar grupos de escola, amigos do esporte, família, entre outras possibilidades, tudo passa pelas redes sociais e seus desdobramentos.

Corroborando SILVA(2007), que as redes sociais representam uma estrutura composta por indivíduos que constroem relações tais como amizade, relações de trabalho, trocas comerciais ou de informações, através de interesses em comum. Para a maioria das pessoas, servem como um meio de aumentarem sua autoestima e sentirem-se importantes, amadas e com bom trânsito social. Via de regra, quanto mais impactante a foto e mais cobichoado o local onde ela aconteceu, maior impacto, e, portanto, maior o número de curtidas acontece. Proporcionalmente, maior a sensação de prazer e empoderamento do autor. A regra é causar uma boa imagem, a melhor imagem possível. Seja para quem estiver observando a olhos vistos, seja para um anônimo qualquer. Para Moran (2012) “a digitalização permite registrar, editar, combinar, manipular toda e qualquer informação, em qualquer lugar, a qualquer tempo. A mobilização e a



virtualização nos libertam de espaços e tempos rígidos, previsíveis, determinados”. Talvez aí resida tanto encantamento, mas não só. Ocorre que na mesma velocidade, porém na contramão, observamos um distanciamento importante entre o perfil alimentado nas redes e o cotidiano, como ele realmente se impõe. Há, por assim dizer, um abismo entre ambos. O foco da pesquisa é, portanto, ponderar a partir das respostas coletadas na pesquisa, sobre a distância que se constitui entre o que é publicitado e os desafios que o cotidiano requer.

O projeto em andamento reedita também uma pesquisa realizada no ano de 2023, que procurou identificar, ainda que sem rigor acadêmico, em que proporção e porque essa “diferença” acontece. Seja por motivos de ordem subjetiva, psíquica, socioeconômica, certo é que há um pacto silencioso, do qual todos fazemos parte, que nos impele a demarcar espaço em um território digital, e nele poucas regras são observadas. Não se trata de fazer julgamento de valor, apenas de, ao desafiar o mesmo público alvo da pesquisa anterior, estudantes do Ensino Médio de uma Escola de Educação Profissional, observar se as informações antes coletadas se reafirmam, se houve alguma mudança de perspectiva, ou se continua tudo como na primeira observação.

O excesso de exposição nas redes sociais, parece estar causando obsessão por curtidas e compartilhamentos na vida de muitas pessoas, visto que esses números são interpretados como afirmação de sua aceitação, respeito e respaldo em determinados grupos. Entretanto, a perda do controle sobre os conteúdos que são postados, por vezes vai contra valores fundamentais como respeito às pessoas e suas diferenças, em amplo sentido. De onde vem a necessidade de ser aceito/curtido, ainda que por pessoas com as quais provavelmente nunca se terá contato próximo/convivência? Porque sentimentos de inferioridade acometem jovens de modo a causar depressão, baixa autoestima e desânimo geral? Até que ponto a vida editada é mais valiosa que a vida real? Onde perdemos o controle?

Outra pesquisa recente, realizada no Reino Unido, a Royal Society for Public Health (RSPH), em parceria com o Movimento de Saúde Jovem, evidenciou que as redes sociais provocam efeitos positivos e também nocivos à saúde humana, dependendo da forma como são usadas. Concluiu-se que, o compartilhamento de fotos pela rede social Instagram impactou negativamente causando isolamento, esgotamento, obsessão com o próprio corpo e até depressão. A pesquisa concluiu que o excesso de exposição pode gerar grandes impactos na saúde mental de usuários das redes, e que, muitas vezes, alguns destes impactos podem ser irreversíveis, trazendo danos ao longo da vida destes jovens. Ainda mostra que 70% dos jovens



admitem que a rede social Instagram fez com que eles se sentissem desvalorizados em relação à própria autoimagem. Há que se refletir sobre esses dados.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi proposta no primeiro semestre do ano/2024 e foi realizada via online com uso do Google Formulários, enviados via aplicativo de mensagem. Dez perguntas foram organizadas de modo a identificar idade e sexo dos entrevistados, não sendo necessária sua identificação nominal. Na sequência, as perguntas com respostas pré-definidas, deveriam ser respondidas através da escolha de uma das alternativas apresentadas. As respostas foram tabuladas e elaborados os gráficos. Na sequência os dados serão compartilhados com a comunidade escolar e a sistematização escrita para apresentar em eventos acadêmicos que pesquisam sobre temáticas semelhantes, tão pertinentes quanto esta.

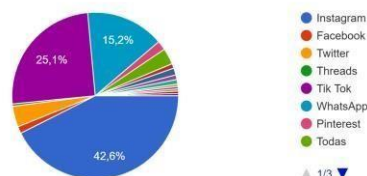
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas resultaram nos seguintes gráficos:

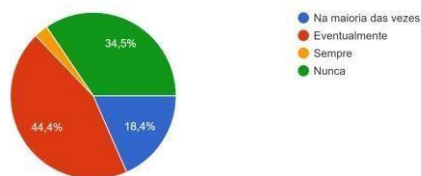
Quantas horas, em média, você costuma estar conectada às redes sociais?  
223 respostas



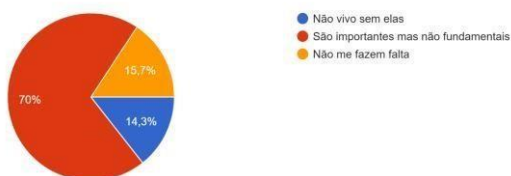
Qual das redes sociais você mais usa?  
223 respostas



Você costuma aplicar filtros nas imagens que posta?  
223 respostas

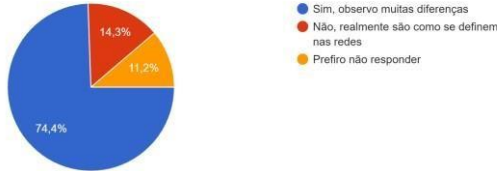


Qual a importância das redes sociais na sua vida?  
223 respostas

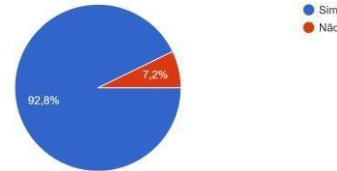




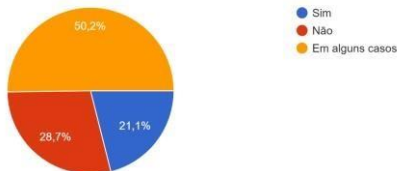
Entre as pessoas do seu convívio, você consegue perceber diferenças importantes entre o perfil apresentado nas redes e o modo como as pessoas realmente são no cotidiano?  
223 respostas



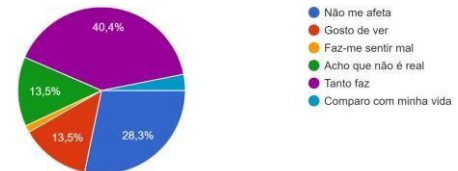
Você acha que a vida online muitas vezes representa uma versão distorcida da realidade?  
223 respostas



Você se sente inseguro ao postar alguma coisa nas suas redes sociais?  
223 respostas



Como você se sente ao ver pessoas exibindo apenas os aspectos positivos de suas vidas nas redes sociais?  
223 respostas



Responderam a pesquisa duzentos e vinte e três estudantes. O que equivale a 14% dos alunos matriculados regularmente na Escola objeto da pesquisa. As redes mais utilizadas são o Instagram e o Tiktok, caracterizadas pelo fluxo muito grande de rotatividade de postagem, via de regra curtas e impactantes. Parece que a percepção do tempo está se alterando entre o público objeto da pesquisa, pois varia em torno de cinco horas/dia de conectividade, tempo esse subtraído da possibilidade de práticas esportivas, atividades coletivas e tantas outras alternativas importantes. O “agora” postado se torna “antigo” em poucas horas, retornando a necessidade de nova publicação.

Merece destacar que é alto o percentual de entrevistados que observam diferenças importantes entre a vida editada e os desafios que o cotidiano apresenta. Existe uma falseabilidade admitida entre os usuários da rede, considerada aceitável. Mas porque, então, isso acontece? Em que ponto a vida editada assume mais importância que a vida real? Interessante é observar que para 70% dos entrevistados as redes são muito importantes, mas não definitivas a ponto de não imaginarem seu cotidiano sem elas. Esse indicador permite afirmar que há espaços a serem ocupados, relidos e aproveitados pela Escola, local onde passam em média oito horas/dia. Discutir sobre a possibilidade de ações coletivas com estudantes de modo a reforçar vínculos com atividades práticas coletivas, contribuindo para ampliação dos laços afetivos e aumento da autoimagem dos envolvidos, pode ser uma boa alternativa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada, mesmo que sem o rigor científico que merece o tema, revela uma realidade que todos já observamos, apenas com o diferencial de ter sido tabulada em números. Não se trata de negar a importância que as redes sociais têm, pois podem ser utilizadas para situações de significativa importância como observamos recentemente em função da crise climática que o Estado do RS enfrentou.

A mesma pesquisa poderá ser reeditada nos anos seguintes, acumulando dados para analisar o perfil dos estudantes nessa mesma Escola. Nesse sentido, guardadas as proporções, pretende contribuir com a elaboração de políticas públicas que possam tornar o espaço escolar mais atrativo, propondo atividades que chamem atenção para aspectos importantes para os jovens, contribuindo assim para a efetivação de uma escola pública de qualidade.

**Palavras-chave:** Realidade. Edição. Imagem. Internet. Redes Sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-ADM CNX, **Redes sociais e saúde mental: influência e impacto dessa relação**, <https://www.conexasaude.com.br/blog/redes-sociais-saude-mental/>.

-SILVA, A.; FERREIRA, M. **Gestão do conhecimento e capital social: as redes e sua importância para as empresas**. Informação & Informação, Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

- MARTELETO, R. M. (2011). **A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas**. *Perspectivas Em Ciência Da Informação*, 19–40. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23116>

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª Ed, Campinas: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Desafios na comunicação pessoal**. 3ª ed. revista. São Paulo: Paulinas, 2007.